



**CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**A ANGÚSTIA DE ABRAÃO NA PERSPECTIVA RELIGIOSA EM
SOREN KIERKEGAARD**

MOISEIS DA COSTA BRITO

SALVADOR - BA

2020

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA**

**A ANGÚSTIA DE ABRAÃO NA PERSPECTIVA RELIGIOSA EM
SOREN KIERKEGAARD**

MOISEIS DA COSTA BRITO

Orientador

Prof. Me. Ricardo Souza Cruz

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Filosofia da Universidade Católica
do Salvador, como requisito parcial para
obtenção do grau de **Bacharel em Filosofia**.

Salvador - BA

2020

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
BACHARELADO EM FILOSOFIA

MOISEIS DA COSTA BRITO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Filosofia**.

APROVADO EM _____ / _____ / _____

Prof. Me. Ricardo Souza Cruz
UCSAL
Orientador

Prof. Dr. José Luis Sepúlveda Ferriz
UCSAL

Prof. Dr. Valério Hillesheim
UCSAL

Salvador - BA
2020

Dedico aos meus familiares, e a Ordem dos Frades Capuchinhos (O.F.M Cap).

AGRADECIMENTOS

§ Agradeço de modo especial a Trindade Santíssima pela minha existência, juntamente com a Bem-Aventurada Virgem Maria. Agradeço aos meus familiares, amigos, e à Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, ao meu orientador e aos demais professores que me ajudaram nesse processo de escolha e desenvolvimento do tema; os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

BRITO, Moiseis. **A angústia de Abraão na perspectiva religiosa em Soren Kierkegaard**. 49 p. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Filosofia). Universidade Católica do Salvador, Salvador - BA, 2020.

Este trabalho tem por objetivo analisar a angústia de Abraão na perspectiva religiosa em Soren Kierkegaard (1813-1855). Para o desenvolvimento deste trabalho acerca da angústia de Abraão, foi preciso utilizar como obra principal *Temor e tremor* (1843), e *O Conceito de Angústia* (1844) como obra secundária. A angústia kierkegaardiana é compreendida como um sentimento inerente à existência humana. Não obstante, Kierkegaard compreende que a relação entre angústia e fé possibilitam uma certa autenticidade humana. Assim, o patriarca Abraão é a figura representativa do indivíduo autêntico que realiza a relação absoluta com o Absoluto. Pois, Abraão é o cavaleiro da fé, aquele que se deixa guiar pelo infinito, sem deixar de vivenciar a angústia em sua existência. À vista disso, o pensamento kierkegaardiano encontra-se em plena comunhão com a contemporaneidade, pois a mesma fornece meios para o homem contemporâneo se relacionar com angústia e fé a partir de sua subjetividade.

Palavras-chave: Angústia, Abraão, Existência, Estádios, Paradoxo.

ABSTRACT

BRITO, Moiseis. **Abraham's anguish in the religious perspective in Soren Kierkegaard**. 49 p. 2020. Final Paper (Bachelor in Philosophy). Catholic University of Salvador, Salvador - BA, 2020.

This work aims to analyze Abraham's anguish in the religious perspective in Soren Kierkegaard (1813-1855). For the development of this work on Abraham's anguish, it was necessary to use *Fear and Trembling* (1843) as the main work, and *The Concept of Anxiety* (1844) as a secondary work. Kierkegaardian anguish is understood as a feeling inherent in human existence. Nevertheless, Kierkegaard understands that the relationship between anguish and faith enables a certain human authenticity. Thus, the patriarch Abraham is the representative figure of the authentic individual who realizes the absolute relationship with the Absolute. This is because Abraham is the knight of faith, the one who allows himself to be guided by the infinite, without failing to experience the anguish in his existence. In view of this, Kierkegaardian thought is in full communion with contemporaneity, as it provides the means for contemporary man to relate to anguish and faith based on his subjectivity.

Key words: Anguish. Abraham. Existence. Stadiums. Paradox.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA	11
2.1	VIDA E OBRA	11
2.2	A FILOSOFIA KIERKEGAARDIANA.....	16
2.3	A CONDIÇÃO HUMANA.....	19
3	OS ESTÁDIOS DA EXISTÊNCIA	23
3.1	O ESTÁDIO ESTÉTICO	24
3.2	O ESTÁDIO ÉTICO	27
3.3	O ESTÁDIO RELIGIOSO	31
4	RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA E FÉ	35
4.1	A ANGÚSTIA EXISTENCIAL DE ABRAÃO.....	36
4.2	A ANGÚSTIA COMO VERTIGEM DE LIBERDADE	40
4.3	O PARADOXO KIERKEGAARDIANO	42
5	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

O pensador dinamarquês, Soren Kierkegaard, é considerado o pai da Filosofia Existencialista. Nesse sentido, Kierkegaard tornou-se um referencial para o existencialismo, por ser o pioneiro ao abordar o sentimento e a existência humana em sua filosofia. Desta forma, torna-se importante ressaltar a relação íntima que se dá entre a trajetória existencial do filósofo e o desenvolvimento de seu pensamento. Destarte, Kierkegaard experimentou desde a sua infância o drama angustiante em sua existência, daí surge o pontapé inicial da presença inerente da angústia em suas obras filosóficas. Em *Temor e tremor*, o filósofo de Copenhague, destaca a importância da angústia como possibilidade mediante o drama de Abraão em sacrificar o seu querido filho.

Segundo Ruiz (1985), a pesquisa científica visa a elaboração sólida de uma investigação arraigada a metodologia científica. Assim, a presente pesquisa utiliza o método hermenêutico para construção da análise da angústia de Abraão. Assim sendo, utilizamos como obra principal; *Temor e tremor* (1843), tendo como obra secundária; *O Conceito de Angústia* (1844). Nesse sentido, utilizamos o auxílio de comentadores acerca da filosofia kierkegaardiana.

Apresentamos no primeiro capítulo a filosofia da existência desenvolvida por Soren Kierkegaard, que se encontra totalmente inerente a sua vivência terrena. Para tanto, o conceito de angústia encontra-se como o núcleo de todo pensamento kierkegaardiano. Sendo um sentimento próprio ao homem em seu percurso existencial. Pois o indivíduo é um ser subjetivo que em sua estrutura humana assume a angústia como um meio de possibilidades.

Apresentamos no segundo capítulo os estádios da existência. Sendo que estes, visam conduzir o homem a percorrer um caminho de autenticidade. Kierkegaard dá enfoque a sua temática existencial culminando sua teoria com os estádios, a saber: o estádio estético, o estádio ético e o estádio religioso. Entretanto, a angústia kierkegaardiana encontra-se presente em todos os estádios. Nisso, compreende-se a dimensão de escolha entre os estádios e a angústia de cada dia.

Apresentamos no terceiro capítulo a relação entre angústia e fé em *Temor e tremor* a partir de Abraão. À vista disso, o velho patriarca encontra-se em uma provação divina que o introduz ao paradoxo kierkegaardiano. Assim, a condição paradoxal de Abraão consiste em uma relação constante entre o humano e o divino. Tal relação adentra a dimensão religiosa em consonância direta com a condição humana, onde a angústia torna-se uma possibilidade de liberdade.

O presente trabalho apresenta uma análise filosófica da angústia de Abraão, equidistante a sua conduta religiosa em *Temor e tremor*. Abraão é o cavaleiro da fé, aquele que está diante do paradoxo sem fugir da angústia em seu percurso existencial. No entanto, a angústia de Abraão na perspectiva kierkegaardiana está também vinculada a angústia do homem contemporâneo, pois o indivíduo em nossos tempos hodiernos, ao contrário de Abraão, na maioria das vezes busca fugir dessa angústia. Desse modo, a concepção de angústia à luz da filosofia kierkegaardiana, constitui um caminho de possibilidades para que o homem contemporâneo possa viver com maior autenticidade de vida.

2. A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA

2.1 Vida e obra

Soren Aabye Kierkegaard nasceu a 5 de maio de 1813, em Copenhague - Dinamarca. O seu pai Michael Pedersen Kierkegaard constava com 56 anos de idade, e a sua mãe Anne Srensdatter com 44 anos, quando Kierkegaard veio ao mundo. No entanto, o seu pai fora um simples agricultor de uma aldeia pobre em Jutlândia ocidental, mas que conseguiu tornar-se rico através do comércio de tecidos em Copenhague. “Michael Pedersen Kierkegaard era melancólico” (LE BLANC, 2003, p. 31). Desse modo, Kierkegaard, será conduzido pela maestria melancólica de seu velho pai em um mundo de angústias.

Todo homem é filho de seu tempo, e o caso do filósofo dinamarquês não foge a esse conceito. Pois, Kierkegaard vivencia a influência de seu período histórico, seja no campo ético, cultural e religioso. Kierkegaard é marcado profundamente pelo espírito pietista tão frequente entre as famílias protestantes na Dinamarca. O seu velho pai se apressou em inculcar a severidade dos preceitos religiosos na formação do pequeno Kierkegaard. No entanto, ele fora considerado semelhante ao caso do filho abençoado de Abraão, isto é, o filho gerado na velhice. Desse modo, Kierkegaard terá a angústia desde a sua infância como uma companheira. A sua educação estará fundamentada pela angústia e pela fé, ambas caracterizam o seu tempo de criança junto ao seu pai.

A história de Soren Kierkegaard é a de uma discordância à procura da graça, ou seja, da unificação do eu [...] nos bastidores de sua alma, houve sempre dentro dele uma criança a chorar. A causa dessa melancolia não é evidentemente unívoca. A predisposição para o humor depressivo era amplamente compartilhada pela família. (FARAGO, 2011, p. 26).

Kierkegaard se angustia profundamente quando a morte adentra a sua casa, ele tinha apenas 6 anos de idade. A angústia torna-se íntima diante a sucessão de mortes em sua família. Logo após a morte de seus irmãos e irmãs, a sua mãe morre aos 30 de julho de 1834, mesmo ano da morte de sua irmã predileta, Pétrea. Diante de tantas perdas, Kierkegaard encontra-se na companhia de seu irmão, Peter Christian e de seu pai, que rapidamente busca instruí-los aos moldes religiosos de

sua época. “O pai, cheio de temor por seu último filho, doentio e frágil, dá-lhe uma educação cuidadosa, mas cobertas pelas sombras da angústia e do sentimento de culpa” (FARAGO, 2011, p. 28-29). Nessa perspectiva, Kierkegaard vivencia o paradoxo da fé mediante a sua angústia existencial.

O velho Michael diante das frequentes mortes em sua família, acredita piamente que fora castigado por Deus, pois tinha amaldiçoado o seu Criador pelo infortúnio de sua pobreza. Fato este, que se deu em sua juventude. Desse modo, Michael temendo a morte de Kierkegaard, almeja que o filho siga rigorosamente os preceitos religiosos como uma tentativa de aliviar o seu sentimento de culpa. À vista disso, Kierkegaard seguindo os desejos do pai, ingressa na Faculdade de Teologia, onde irá defender a sua magnífica tese intitulada como: *Conceito de Ironia - Constantemente referido a Sócrates*. No entanto, essa ironia será uma característica marcante tanto para a sua filosofia, quanto para sua imagem social.

A ironia é, contudo, mais do que levar em conta uma situação, comprova sobretudo um estado de espírito, o estado de espírito do eu que se ergue acima do mundo e quer marcar por sua consciência irônica que ele excede e domina qualquer delimitação conceitual. (LE BLANC, 2003, p. 26).

O jovem Kierkegaard torna-se noivo da bela Regina Olsen em meados de 1840, mas rompe tal noivado no ano seguinte. Nessa altura, Kierkegaard fora confortado pela angústia e melancolia que lhe acompanhavam desde os tempos de outrora. A sua atitude fora motivo de escândalo entre os seus contemporâneos, causa que mais tarde seria um contributo significativo para o seu desdém social e a sua reclusão espontânea. Dessa maneira, o rompimento aparentemente repentino do noivado, constitui um elemento importante no desenvolvimento de sua filosofia, pois ele mesmo julgava incompatível o matrimônio e os seus ideais filosóficos.

É nesse clima de angústia e melancolia, que Kierkegaard irá sofrer um golpe terrível em sua existência, o qual ele vai chamar de “terremoto” em seu *Diário*. Entretanto, Kierkegaard fora formado pelo seu pai com rigidez em meio aos temores de uma incerta salvação. Michael associou o seu grave pecado cometido em sua juventude como causa das frequentes mortes em sua família. Em vista disso, Kierkegaard percebe sinais de uma perfeição ética e religiosa em seu pai. No entanto,

o seu pai busca constantemente consolo na bebida; ao ponto de revelar as suas próprias confidências. Mediante a embriaguez de seu pai, Kierkegaard descobre que a sua mãe fora abusada sexualmente por Michael, e isso irá abalar todas as suas estruturas.

Esse “terremoto” foi um acontecimento capital da vida de Kierkegaard, [...]. Qualquer que seja a origem dessa revelação consecutiva ao “terremoto”, acontecimento preparado de longa data pelo excesso de espiritualidade do pai, é o fundamento de uma mudança completa de perspectiva, em que se anuncia a teoria de Kierkegaard do salto, transformação radical da maneira de ver o mundo, de senti-lo, de compreendê-lo (LE BLANC, 2003, p. 33-34).

Sabe-se, que esse “terremoto” inesperado marcará profundamente a vida do filósofo de Copenhague, pois torna-se um grande abalo em sua condição humana. A descoberta drástica do abuso sofrido por sua genitora, irá se tornar para ele um “divisor de águas”. Desse modo, Kierkegaard está vivendo um drama existencial, onde todos os seus ensinamentos éticos e religiosos são abalados. Todas as coisas que o seu pai lhe ensinara fora uma farsa? Então, todos os seus dias seguindo a mais rígida regra da religião e as inúmeras normas de conduta como um bom indivíduo social, fora simplesmente uma falácia? Estes questionamentos são possibilidades que provavelmente estiveram presente na condição angustiante do jovem Kierkegaard.

Em meados de outubro de 1841, Kierkegaard parte para Berlim após o rompimento de seu noivado. Ele partiu no intuito de aprimorar seus conhecimentos acadêmicos, e encontrar uma compreensão crítica da realidade a partir do pensamento positivo de Schelling, uma vez que não encontrava tal entendimento na filosofia hegeliana. Assim, Kierkegaard, torna-se aluno de Schelling, mas se considerava velho para aprender com outro velho. Dessa forma, “[...] no caso de Soren, contudo, os estudos não se desenvolveriam de forma tão amena” (GARDINER, 2013, p. 12). No entanto, ele toma a decisão de escrever longe de todos os barulhos externos, e volta-se para a companhia de sua leal amiga: a angústia.

O rompimento do noivado causou um escândalo no mundo burguês da capital. Para compreendê-lo, é necessário passar pela exploração da maneira como Kierkegaard compreendeu a existência: ele havia levado a procura da verdade ao grau supremo e a ela subordinou, sem calcular, a própria vida colocada na balança a imediatidade de um amor sacrificado (FARAGO, 2011, p. 54)

Kierkegaard torna-se um solitário escritor, “[...] no entanto, a melancolia não o abandona. A angústia é sua amante. As páginas de seu diário dela conservam marcas” (LE BLANC, 2003, p. 40). Ele é um homem angustiado em sua existência, compreendendo a angústia como sentimento capaz de oferecer possibilidades ao homem. Assim sendo, Kierkegaard aderiu muitos pseudônimos ao publicar algumas de suas obras, a saber: Victor Eremita, Johannes de Silentio, Constantin Constantio, Johannes Climacus, Nicolaus Notabene, Virgilius Haufniensis, Hilarius Bogbinder e Anti-Climacus. Nessa perspectiva, o referido filósofo realiza a publicação de algumas obras, como: *Discursos Edificantes* (1843/44), *Enten - Eller (Ou - Ou)* (1843), *Um Fragmento de Vida* (1843), *Temor e Tremor* (1844), *A Repetição* (1843), *O Conceito de Angústia* (1844), *Etapas no Caminho da Vida* (1845), *O Desespero Humano (Doença até à Morte)* (1849) entre outras obras.

Em *Temor e tremor*, Kierkegaard desenvolve a temática religiosa a partir da personagem bíblica de Abraão. “Pela fé Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi estrangeiro na terra prometida” (KIERKEGAARD, 1979, p. 118). Ele é o escolhido por Deus, aquele que se deixa conduzir pela fé no Absoluto. Em contrapartida, a referida obra faz uma análise do sacrifício de Isaac, onde o patriarca é incumbido de executar sozinho tal mandato divino. Abraão adentra o estado angustiante a partir da possibilidade de escolha, que em seu caso, consiste em matar ou não o seu filho Isaac. Dessa forma, Abraão constitui uma referência autêntica de fé, pelo fato de realizar o movimento entre o ser finito e o ser infinito.

A grandeza de Abraão está em ter claro, desde o início, que Deus queria dele não um sacrifício humano, que de forma idólatra lhe aplacasse a ira ou comprasse um favor, mas um testemunho de “franqueza” em estar cara a cara com o transcendente (REGINA, 2016, p. 76).

Nessa perspectiva, Kierkegaard desenvolve o paradoxo religioso em *Temor e tremor*, a partir de uma análise filosófica sobre o episódio de Abraão. Deste jeito, o filósofo sugere no início da referida obra, quatro hipóteses acerca da dramática situação de Abraão, a saber: 1) no momento de concretizar o sacrifício, o venerável patriarca se detém em assegurar que Isaac não perca a fé em Deus; 2) Abraão prepara a faca para realizar o sacrifício, mas percebe o carneiro que Deus oferece em lugar de Isaac; 3) Ao sacrificar seu filho, Abraão pede perdão a Deus por aquilo que

pretende realizar; 4) Diante do sacrifício, Isaac percebe o desespero de seu pai. Outrossim, o filósofo dinamarquês destaca que Abraão está no estádio religioso e não no estádio estético e nem no estádio ético, isso implica dizer que, Abraão em seu drama está acima do esteta e do ético, porque a fé não pode ser compreendida a partir dos referidos estádios.

Abraão é considerado o cavaleiro da fé por Kierkegaard, aquele que está diante do absurdo da fé. “Pelo absurdo o cavaleiro da fé sabe se mover no mundo com a segurança de quem controla perfeitamente as suas forças” (REGINA, 2016, p. 75). Todavia, Kierkegaard compreende que Abraão é o cavaleiro da fé, justamente por estar no estádio religioso, e por isso ele é distinto de Agamemnon, o cavaleiro do infinito. É sabido que Agamemnon realiza o sacrifício de sua filha pelo seu povo, ou seja, pelo geral. Entretanto, o cavaleiro da fé não visa sacrificar Isaac pelo geral, e sim por obediência a Deus. Por isso, Abraão só pode ser compreendido a partir do absurdo religioso.

O absurdo não pertence às distinções compreendidas no quadro próprio da razão. Não se pode identificar com o inverossímil, o inesperado, o previsto. No momento em que o cavaleiro se resigna, convence-se segundo o humano alcance, da impossibilidade [...] o cavaleiro da fé tem também lúcida consciência desta impossibilidade; só o que o pode salvar é o absurdo, o que concebe pela fé (KIERKEGAARD, 1979, p. 136).

Sabe-se que a filosofia kierkegaardiana está vinculada ao paradoxo religioso. Essa característica religiosa encontra-se presente na obra *Temor e tremor*, a partir da passagem do ético para o religioso. Dessa maneira, o filósofo dinamarquês entende que a existência humana é também caracterizada pelas possibilidades inerentes a angústia. Assim, o homem se angustia diante da possibilidade em sua trajetória humana. Portanto, “[...] se a existência é possibilidade, a existência individual é angústia” (LE BLANC, 2003, p. 51).

O filósofo de Copenhague, solitário, angustiado e exausto pela luta em favor da verdade, é encontrado caído em plena rua a 2 de outubro de 1855. Em seguida, é levado ao hospital tendo em vista o agravamento de sua enfermidade. Entretanto, ele nega receber os sacramentos que seriam ministrados pelo bispo em seu leito de morte, pois ele já estava completamente confortado em sua filosofia existencial.

Kierkegaard acredita em um cristianismo autêntico até o seu último suspiro. “A 11 de novembro, Soren Kierkegaard morre aos 42 anos lutando pela verdade e pelo cristianismo paradoxal” (LE BLANC, 2003, p. 46). Seus restos mortais encontram-se no cemitério da Frue Kirke de Copenhague.

2.2 A Filosofia kierkegaardiana

A existência humana é o arcabouço da filosofia kierkegaardiana. Dessa forma, Kierkegaard se debruça ante as responsabilidades inerentes ao indivíduo a partir de sua existência. Assim, o indivíduo em seu existir encontra-se equidistante a livre vontade de escolha. Entretanto, a filosofia desenvolvida por Kierkegaard visa o homem como objeto de estudo, sendo que este é submisso a dimensão religiosa. Essa filosofia está profundamente vinculada à vida do pensador de Copenhague. Toda a sua vida enquanto indivíduo está envolta em sua filosofia, tendo o sentido existencial e os sentimentos como objetos de estudo. Assim, é compreensível as temáticas inerentes ao homem, abordadas por Kierkegaard a partir da subjetividade.

Nesse sentido, Kierkegaard compreende “[...] que o modo de existência pessoal devia consequentemente experimentar uma transformação” (KIERKEGAARD, 1986, p. 57). Por conseguinte, a filosofia de Hegel (1770-1831), tornou-se um valioso referencial para sociedade de Copenhague, inclusive sendo influente entre os teólogos protestantes da época. “Ora, para Kierkegaard, os limites da filosofia consistem no fato de ela se dirigir à razão, e não à pessoa” (FARAGO, 2011, p. 68). Contudo, o filósofo dinamarquês critica o racionalismo hegeliano, afirmando que a existência humana não pode ser reduzida unicamente a razão.

Kierkegaard censura Hegel pela sistematização do pensamento, repreende-o por haver tecido uma imensa teia conceitual cujos fios capturam em suas determinações Deus, o homem e o mundo, sob a única invocação da Razão soberana, recalcando assim a angústia e permitindo ao homem sentir-se justificado no centro de uma totalidade progressivamente justificadora (FARAGO, 2011, p. 68).

A filosofia kierkegaardiana encontra-se intrínseca ao conceito de angústia, conceito este que se encontra totalmente inerente à condição humana. Dessa maneira, “[...] a angústia é consubstancial ao homem e define-o como participante do

espírito, logo, ele não pode dela se libertar” (LE BLANC, 2003, p. 82). À vista disso, a angústia é aquela que conduz o homem a um caminho de possibilidades. O filósofo dinamarquês, desenvolveu esse conceito fundamental em seu pensamento filosófico, distinto da predominante filosofia hegeliana em seu período histórico. “O idealismo de Hegel refletiu firmemente a convicção de que a realidade poderia ser apresentada totalmente transparente à razão humana” (GARDINER, 2013, p. 90).

“O singular, porém, que interessa a Kierkegaard, é o singular-homem” (NOGARE, 1988, p. 120). Assim, o filósofo de Copenhague compreende que o homem possui uma verdadeira singularidade. Sua compreensão é contrária a ideia hegeliana de submeter o indivíduo ao universal, onde o real passa a ser encarado como parte de um sistema. “Assim Kierkegaard, herói do singular, não permitirá que os homens de seu tempo passem por cima do individual” (NOGARE, 1988, p. 120). Kierkegaard é aquele buscador da interioridade e subjetividade do indivíduo no mundo, onde em suas obras o individual não está subordinado ao geral. Percebe-se isso no caso de Abraão, que não visa o sacrifício de Isaac pelo geral, mas por si mesmo e por Deus.

Na filosofia existencial, a chave hermenêutica é a decisão apaixonada do existente na transformação da própria existência, pois toda decisão essencial se dá na subjetividade. A filosofia assume a dimensão de diálogo íntimo do eu consigo mesmo, partindo do pressuposto de que o homem é espírito, o espírito é interioridade, a interioridade é subjetividade, a subjetividade é essencialmente paixão, e quando atinge o ápice, é a paixão íntima da pessoa interessada na própria salvação eterna (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 27).

Kierkegaard aborda temáticas intrínsecas ao homem através da sua existência, como: a angústia, a liberdade, o paradoxo e a fé. Compreende-se que essas temáticas estão vinculadas a sua concepção de verdade, que não era a mesma concepção propagada pela filosofia hegeliana e nem pela Igreja Dinamarquesa. “Kierkegaard reage sobretudo contra o espírito de seu tempo, que tendia a dissolver os indivíduos no anonimato e no impessoal” (NOGARE, 1988, p. 121). Nesse sentido, Kierkegaard torna-se guardião por salvaguardar a subjetividade humana. Ele se considera um pensador cristão, e sua filosofia “é uma busca da singularidade perante Deus” (NOGARE, 1988, p. 128).

A existência melancólica do jovem Kierkegaard encontra inspiração no exílio de seus dias. No entanto, a angústia acompanha constantemente todos os seus dias

tristes. Ela não pode separar-se dele, porque ela está em sua existência. Essa angústia existencial dá vitalidade a Kierkegaard em seus escritos. Desse modo, a angústia kierkegaardiana é uma força que impulsiona o indivíduo a percorrer um caminho de possibilidades. “A angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” (KIERKEGAARD, 2013, p. 45). Nesse sentido, a análise kierkegaardiana do estado angustiante de Abraão em *Temor e tremor*, consiste em uma possibilidade de redenção a partir do estágio religioso.

Angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura! Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se. Nesta vertigem, a liberdade desfalece (KIERKEGAARD, 2013, p. 66).

Nessa perspectiva, o filósofo dinamarquês desenvolve uma ligação entre a angústia dos homens e a fé no Absoluto. Pois, Kierkegaard desenvolve uma filosofia deísta, onde o indivíduo em sua subjetividade constitui uma relação direta com o transcendente. Essa relação religiosa, no pensamento kierkegaardiano, encontra-se equidistante ao conceito de paradoxo. “O paradoxo resulta da relação e da absoluta incomensurabilidade entre verdade eterna e a existência humana” (FARAGO, 2011, p. 166). Kierkegaard ressalta essa temática com maior exatidão a partir da religiosidade de Abraão em *Temor e tremor*.

O paradoxo é um conceito importante para compreensão do pensamento kierkegaardiano, sendo ao mesmo tempo caracterizado como absurdo. Em contrapartida, este paradoxo que também é absurdo está voltado a dimensão religiosa, ou seja, o homem que possui fé está propenso ao paradoxo. Mediante esta relação que se dá entre indivíduo e Absoluto, o paradoxo está presente no campo religioso onde se encontra o patriarca Abraão. Entende-se que Abraão é a personagem representativa desse paradoxo aos olhos de Kierkegaard, pelo fato de que ele fora provado na fé por Deus.

O paradoxo da fé consiste em que há uma interioridade incomensurável em relação à exterioridade, e esta interioridade, importa notá-lo, não é idêntica à precedente, mas uma nova interioridade [...] a fé é precedida de um movimento de infinito; é somente então que ela aparece, *nec inopinata*, em virtude do absurdo (KIERKEGAARD, 1979, p. 151).

Dessa maneira, Kierkegaard se espanta ante a existência humana. Consequentemente esse espanto o conduz ao limiar de uma nova vertente filosófica. Sendo assim, a sua filosofia se debruça sobre o homem como um ser existencial, estando ao mesmo tempo em constante relação com o transcendente. “Em Kierkegaard, portanto, a filosofia não pode separar-se da fé, e esta, por sua vez, não pode separar-se do sentimento existencial” (FARAGO, 2011, p. 16). Para o pensamento kierkegaardiano, a filosofia não anula a fé, mas ambas dialogam acerca do relacionamento que estabelecem com o indivíduo. Pois o homem é o único animal racional que tem consciência de sua subjetividade.

2.3 A condição humana

O homem é um ser dramático desde o seu nascimento, pois o seu existir já está envolto em uma condição dramática e angustiante. Kierkegaard entende que o drama humano se encontra vinculado a relação existencial que se dá entre o indivíduo e o transcendente. Sendo assim, o fato de que o ser humano é mortal, implica destacar que sua finitude está inclinada ao sofrimento, angústia e demais dramas. Em contrapartida, a relação entre finito e infinito torna-se uma possibilidade concomitante a dimensão existencial do indivíduo. O homem a partir da existência desenvolve uma relação fundamentada em sua subjetividade.

Compreende-se em Kierkegaard uma forte abordagem a respeito da condição humana. O referido filósofo destaca essa dimensão ao fazer uma análise do texto bíblico sobre Adão e Eva em sua obra *O Conceito de Angústia*. Kierkegaard compreende que o indivíduo adentra a possibilidade de escolha a partir do momento que começa a existir. Sabe-se que Adão e Eva caem em pecado pelo fato de comerem o fruto proibido por Deus, como narra as sagradas escrituras. Entretanto, Kierkegaard entende que o pecado de ambos é a “passagem” para a existência dos mesmos. Uma vez existindo, os dramas tornam-se intrínsecos ao homem. Nesse sentido, Kierkegaard ressalta a questão do pecado por meio de um viés filosófico. Assim, a possibilidade de escolha deriva do pecado de Adão e Eva no jardim celestial, como fator singular da existência de ambos.

A proibição deixa inquieto Adão, porque nele desperta a possibilidade da liberdade. O que se ofertava à inocência como um nada da angústia adentrou-o e conserva ainda aqui um nada: a aflitiva possibilidade de poder. Com respeito ao que pode, não tem nenhuma ideia. [...] existe em Adão somente a possibilidade de poder, como uma forma superior de ignorância, como expressão elevada da angústia, visto que, a este nível mais alto, a angústia existe e não existe, Adão tem amor e foge dela (KIERKEGAARD, 2013, p. 48)

O pensamento kierkegaardiano ressalta a relação que o homem em seu estado finito realiza com Deus que é a sumidade infinita. Nessa dimensão, o indivíduo realiza tal relação a partir de seu existir, sendo que esse existir é de grande valia no sentido de liberdade. Kierkegaard destaca essa relação em *Temor e tremor*, onde Abraão realiza esse movimento relacional com o Absoluto. No entanto, “[...] o filósofo dinamarquês reconhece além disso a angústia e o desespero como elementos constitutivos da existência” (LE BLANC, 2003, p. 91). Decerto, o indivíduo não pode fugir da angústia e nem do desespero, pois ambos são elementos existenciais. O indivíduo em sua condição finita pode utilizar esses elementos como possibilidades.

Desse modo, percebe-se na filosofia kierkegaardiana uma ligação reflexiva entre temas religiosos e filosóficos que são comuns ao homem em sua subjetividade de vida. Kierkegaard ressalta essa relação em sua obra intitulada como *O Desespero humano*. Desespero este que está ligado a morte e ao pecado. Nesse sentido, compreende-se que o desespero na perspectiva kierkegaardiana consiste em um pecado diante de Deus. Desse modo, “[...] o desespero se corrige com a fé” (PEREZ, 1988, p. 230). Em suma, a condição humana na concepção do filósofo dinamarquês é uma condição de subjetividade.

Em *O desespero humano* Kierkegaard fala do desespero como de uma doença que tem como finalidade exatamente a morte, e não apenas a morte biológica, inevitável para todos os homens, mas também aquela do homem enquanto “si” [...]. O desespero é chamado de doença para a morte porque o desespero gostaria de morrer enquanto relacionamento, o que significa querer morrer perante Deus (REGINA, 2016, p. 197-198).

“O axioma da antropologia kierkegaardiana é simples: ainda que todo homem se desenvolva como liberdade” (FARAGO, 2011, p. 76). Kierkegaard encontra em Adão e Eva, uma representação da liberdade humana, pois com o pecado de ambos constitui o salto da liberdade. Esse salto visa uma cisão e uma suposta relação. O homem que possui consciência de sua finitude encontra-se em um paradigma

envolvente, a saber: o de ser e não ser. Portanto, é a partir da tomada de consciência acerca de sua finitude que o indivíduo desperta para a possibilidade de autenticidade. Dessa forma, Kierkegaard compreende que a possibilidade de autenticidade também é característica da angústia em seu sentido filosófico. Em contrapartida, o desespero parte de um excesso ou falta de possibilidades ao homem, que gera o confronto diante da realidade.

“A relação que se estabelece entre infinitude do possível e a condição do Indivíduo define o que se pode chamar a finitude humana” (LE BLANC, 2003, p. 93). Nesse sentido, Kierkegaard compreende a finitude humana como algo existencial, que está arraigada ao homem. No entanto, a finitude humana torna-se compreensível ao homem a partir de sua existência, ou seja, a concretização do homem se dá através de seu existir. “Existir é viver concretamente a finitude humana que se confronta com o possível que acompanha o real” (LE BLANC, 2003, p. 93).

A existência tem essa qualidade: é dom. Não se joga mais com causas e efeitos, com efeitos e causas. No terreno da existência, a liberdade histórica se instaura com o concretizar-se do si mesmo. A partir do momento em que o dom foi oferecido, a responsabilidade do que faz de si mesmo e consigo mesmo é uma questão exclusivamente do indivíduo singular. Nesse caso, a essência é também uma construção da própria condição humana (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 52).

Em contraponto aos dramas intrínsecos ao indivíduo em sua finitude, Kierkegaard, destaca a fé como o complemento da condição humana. Nesse sentido, a fé torna-se uma possibilidade capaz de equilibrar os tremores próprios aos dramas existenciais. Ora, Kierkegaard é um pensador religioso, onde o indivíduo não se revolta contra Deus, e nem Deus se revolta contra o homem. Assim, o indivíduo em sua finitude, encontra-se submisso ao Absoluto, isso implica afirmar, que o homem por meio de sua relação religiosa está em um campo de possibilidades. Por isso, “Kierkegaard exalta com admiração toda a riqueza que vem ao homem pelo fato de estar perante Deus” (NOGARE, 1988, p. 125).

“A existência coloca o indivíduo diante das possibilidades, coloca-o em relação com o mundo, consigo mesmo e com Deus” (LE BLANC, 2003, p. 52). Kierkegaard nos estádios existenciais, ressalta a constância que se dá na relação do ser mortal para com o ser imortal. O percurso kierkegaardiano sempre está voltado a dimensão

humana a partir da subjetividade, encontrando nos estádios a culminância da relação humana. Pois a subjetividade “[...] é única maneira fundamental de se relacionar com o ser” (FARAGO, 2011, p. 119). Assim, a filosofia kierkegaardiana está “[...] centrada nos dramas e contradições que percorrem, no interior da existência, o ato de existir do próprio existente” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 32). Compreende-se que a filosofia kierkegaardiana visa uma relação que parte do interior para o exterior humano.

3. OS ESTÁDIOS DA EXISTÊNCIA

Kierkegaard, ao desenvolver o conceito de indivíduo, também desenvolve o conceito de estágio, que está totalmente vinculado ao conceito de etapa que “[...] designa um estilo de vida, um tipo de aliança do temporal e do eterno na existência” (FARAGO, 2011, p. 120). Assim sendo, Kierkegaard desenvolve os três estádios da existência, a saber: o estágio estético, o estágio ético e o estágio religioso. Dessa maneira, “Kierkegaard, em numerosos escritos, esboçou uma espécie de tríade existencial” (PÉREZ, 1988, p. 228). Essa tríade existencial não consiste em uma

estrutura meramente cronológica, mas em uma trajetória que parte unicamente da existência humana. Por isso, essa tríade não se distancia das experiências vivenciadas pelo próprio filósofo. À vista disso, o indivíduo para atingir uma autenticidade de vida é preciso percorrer os estádios da existência.

Os estádios existenciais visam possibilidades próprias ao homem em sua condição humana. Conquanto, a filosofia kierkegaardiana entende que a tríade existencial não pode ser compreendida fora do campo das possibilidades e da relação realizada pelo indivíduo. Desse modo, o indivíduo pode passar pelos três estádios, onde essa vivência se dá a partir do movimento realizado pelo próprio indivíduo. No entanto, para o indivíduo realizar a passagem de um estágio a outro, torna-se necessário realizar o salto. “Provavelmente, esse salto vai acompanhado do fenômeno da angústia ou do desespero” (PÉREZ, 1988, p. 228).

O indivíduo entra em relação com o mundo, consigo mesmo e com Deus. Esses três tipos de relação representam as três possibilidades fundamentais da existência, ou seja, as três bases a partir das quais se erguem as infinitas possibilidades da existência. Explicando esses tipos de relação, Kierkegaard apresenta três estádios de existência (LE BLANC, 2003, p. 53).

Nessa perspectiva, o primeiro estágio é caracterizado pelo esteta, isto é, o indivíduo que se encontra voltado à vaidade como possibilidade de uma experiência autêntica. Em contrapartida, o segundo estágio está voltado a dimensão ética, onde o homem é marcado pela obediência ao dever. Por fim, o terceiro estágio encontra-se voltado a dimensão religiosa, ou seja, o homem nesse estágio é um homem de fé. No entanto, os estádios não visam uma etapa estática, mas “[...] em termos mais precisos, a noção de etapa designa um estilo de vida, um tipo de aliança do temporal e do eterno na existência” (FARAGO, 2011, p. 120).

3.1 O estágio estético

O indivíduo no estágio estético é caracterizado por um desejo de viver o instante. Esse instante consiste em um aproveitamento prazeroso ante a passagem do momento. Dessa maneira, o estágio estético encontra-se arraigado à fase boêmia do filósofo de Copenhague. Pois, Kierkegaard em sua juventude experimentou o apogeu de uma vida estética. Isso implica afirmar, que Kierkegaard também fora um

romântico melancólico em sua fase estética. Nesse sentido, o ícone do sedutor kierkegaardiano identifica também o período em que o próprio filósofo se distanciava de seus compromissos éticos para dedicar seu tempo aos prazeres mundanos. Por isto, “[...] a força de Kierkegaard estava no vigor e na beleza de sua palavra: aí, sim, era um Don Juan” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 10).

“No estágio estético, o homem caracteriza-se pelo abandono à sensibilidade, ao instinto de viver, pela procura desinibida da beleza, do prazer, da felicidade” (NOGARE, 1988, p. 126). Dessa maneira, a dimensão estética em Soren Kierkegaard está relacionada ao conceito de desejo, que conseqüentemente leva o indivíduo a viver superficialmente as relações. O esteta não anda a procura de relacionamentos duradouros, mas busca relacionamentos efêmeros e sem qualquer tipo de vínculo sentimental. Em vista disso, Kierkegaard caracteriza o esteta em sua produção filosófica através das figuras emblemáticas de Fausto e Don Juan.

E então esqueço tudo, não tenho projetos, não faço cálculo algum, lanço a razão pela borda fora, dilato e fortifico o meu coração com profundos suspiros, exercício que me é necessário para não ser constrangido pelo que, na minha conduta, existe de sistemático. Outros serão virtuosos durante o dia e pecadores à noite; eu sou pura dissimulação de dia, e à noite, apenas desejos. Ah! Se ela pudesse penetrar na minha alma — se! (KIERKEGAARD, 1979, p. 40).

A figura do sedutor encontra-se presente na obra *Diário de um Sedutor* (1843), através do jovem Johannes. De acordo com as características mencionadas por Kierkegaard na referida obra; Johannes utiliza de toda astúcia para conquistar a jovem Cordélia. “No início ainda não sabe nem como a garota se chama, nem se é comprometida, mas sabe como chegar a possuí-la infalivelmente” (REGINA, 2016, p. 43). Johannes é o típico sedutor que estimula a sua vítima com a suposta possibilidade de um casamento perfeito. Entretanto, o sedutor é aquela pessoa egoísta, que só quer satisfazer os seus desejos mesquinhos.

O sedutor age sorrateiramente de igual forma à serpente no Jardim do Éden. Decerto, o texto bíblico relata que a serpente induziu docemente Adão e Eva a comer o fruto proibido por Deus. Dessa forma, o objetivo do esteta é atingir a sua meta, que no caso do sedutor está em conquistar a sua vítima. Em contrapartida, o sedutor é um homem que se deixa guiar pelos perfumes dos prazeres humanos e não pelo aroma

angélico da religião. Assim, “[...] o esteta acompanhando o seu bel-prazer é obrigado - o prazer é breve, o pesar longo - a nele procurar incessantemente um outro” (LE BLANC, 2003, p. 56). Nessa perspectiva, o esteta percorre um contínuo percurso no intuito de viver a superficialidade dos prazeres terrenos.

O risco de falhar no saudável amor a si mesmo, a verdadeira preocupação consigo é inerente à existência humana. É o que faz o homem do estádio estético, “o esteta”, aquele que não sabe amar-se a si mesmo como tampouco a quem quer que seja. Cortado de si mesmo, ele isola cada momento do tempo para dele fazer uma totalidade intensiva que lhe serve de eternidade (FARAGO, 2011, p. 120).

Esta vida estética não estará distante do desespero, pois este mesmo estádio existencial não pode fugir do desespero que é algo inerente ao homem. À vista disso, o esteta há todo momento está fugindo de compromissos e atitudes éticas em prol de um instante de prazer. Essa fuga que requer sacrifícios o levará ao conhecimento do seu próprio desespero. No entanto, “[...] o estádio estético conduz ao tédio, à monotonia (PÉREZ, 1988, p. 228). Desse modo, o homem no estádio estético se depara com a futilidade de seus dias, descobre que a sensualidade não o levará à transcendência. É a partir disso que o esteta se depara com a angústia em seu percurso existencial.

A angústia do esteta está envolvida pelo desejo desenfreado de satisfação, tão comum ao homem jogado no mundo. Esse contraponto ligado a angústia é caracterizado como algo demoníaco para Kierkegaard. Entretanto, esse demoníaco não só visa o estado de pecado, mas a sua permanência nele. Nesse sentido, o demoníaco presente no esteta não é compartilhado por Abraão, pelo fato de que, o velho patriarca prefere sacrificar o seu filho do que pecar contra Deus. Abraão realiza em sua condição humana a autenticidade de seu drama ao contrário do esteta, que “[...] não conhece senão o instante, vive inteiramente exteriorizado nas coisas, ganha fáceis e efêmeros sucessos” (NOGARE, 1988, p. 126).

O fato de que a angústia no indivíduo posterior é mais refletida em consequência de sua participação na história do gênero humano, que é comparável com o hábito, o qual decerto é a segunda natureza, mas, no entanto, não uma nova qualidade, sim somente um progresso quantitativo - decorre de que a angústia agora entra no mundo também num outro significado (KIERKEGAARD, 2013, p. 58).

O homem ético se embriaga ao degustar os vinhos mais saborosos que os prazeres mundanos venham-lhe oferecer, mas essa embriaguez não o torna imune ao sentimento de angústia, pois a sua vida está alicerçada em um estado de pura angústia. Porém, o indivíduo nessa fase está plenamente voltado para si mesmo; sua busca incessante pelo prazer consiste em sua única norma de vida. Dessa maneira, compreende-se o abismo que Kierkegaard coloca entre o esteta na figura de Johannes e o religioso Abraão. Visto que, o sedutor Johannes é incapaz de realizar um sacrifício radical em comprometimento a outrem; já Abraão assume toda radicalidade de seu comprometimento religioso.

O esteta ao lembrar do tempo perdido se angustia defronte a possibilidade perdida. Ora, a imediatez dos dias passa rapidamente como um ilusório sonho da manhã. Entretanto, a lembrança dos tempos perdidos insere o homem em uma contradição, ou seja, deseja a imediatez do instante e a reflexão dos momentos vividos. Esse paradoxo que envolve o esteta também não é o mesmo do homem ético, pois a vida ética exige do indivíduo uma responsabilidade correspondente às suas ações como um ser social. Ao contrário, o esteta está em um paradoxo que não parte da experiência ética, mas da relação consigo mesmo. Sem vínculos éticos, o esteta em seu bel-prazer se embriaga pela suavidade da ironia. Contudo, Kierkegaard contrapõe os estádios; estético e ético através de Johannes em *Diário de um Sedutor*.

Quanto aos esponsais, o diabo é haver neles sempre tanta ética, o que é tão enfadonho quando se trata de ciência como quando se trata da vida. Que espantosa diferença! Sob o céu da estética tudo é leve, belo, fugitivo, mas assim que a ética se mete no assunto tudo se torna duro, anguloso, infinitamente fatigante. Contudo, os esponsais não têm, em sentido estrito, a realidade ética de um casamento, apenas devem a sua validade a ex consensu gentium (ao consenso dos povos). Esse equívoco pode-me ser assaz útil. [...] Sempre tive certo respeito pela ética. Nunca fiz qualquer promessa de casamento a uma jovem, nem sequer por descuido; [...] O meu orgulho cavalheiresco despreza as promessas. Desprezo o juiz que arranca a confissão a um delinquente com uma promessa de liberdade. Um tal juiz renuncia à sua força e ao seu talento. À minha prática acrescenta-se ainda o fato de eu nada desejar que, no mais estrito sentido, não seja dado livremente. [...] Eu sou um esteta, um erótico, que apreendeu a natureza do amor, a sua essência, que crê no amor e o conhece a fundo, e apenas me reservo a opinião muito pessoal de que uma aventura galante só dura, quando muito, seis meses, e que tudo chegou ao fim quando se alcançam os últimos favores. Sei tudo isto, mas sei também que o supremo prazer imaginável é ser amado, ser amado acima de tudo. Introduzir-se como um sonho na imaginação de uma jovem é uma arte, sair dela, uma obra-prima. Mas esta depende essencialmente daquela. (KIERKEGAARD, 1979, p. 51).

O indivíduo, em sua fase estética, influenciado pelo desejo do instante não deixa de ser um homem angustiado pela melancolia de seus dias. Apesar disso, a angústia possibilita ao esteta a capacidade reflexiva de sua atuação no mundo. Uma vez que, a vida estética torna-se uma realidade tediosa e enfadonha ao indivíduo; a angústia torna-se a redenção desse fracasso. O esteta diante da angústia percebe que a sensualidade não tem substância para o guiar em um caminho de autenticidade. Desse modo, o esteta encontra-se sem possibilidades de escolha, pois algo lhe falta. A partir dessa compreensão, é que o esteta percebe a necessidade do salto para o estágio ético.

3.2 O estágio ético

O esteta, cansado pelas futilidades ordinárias, encontra na angústia e no desespero o elemento essencial para realizar o salto existencial. A partir do salto, o indivíduo adentra o estágio ético, caracterizado pela possibilidade de escolha; espinha dorsal deste segundo estágio. À vista disso, “[...] no estágio ético, o homem vive segundo a razão, controla seus instintos e paixões, sujeita-se às leis e costumes” (NOGARE, 1988, p. 126). Assim, o homem ético ao contrário do esteta, vive no tempo, isto é, renuncia a imediatez do instante e se apega às normas de vida. Assim, o homem ético apresenta-se a partir da figura do esposo, ou seja, indivíduo comprometido com as suas obrigações sociais.

Por consequência, o indivíduo ético é reconhecido pela sua conduta social, isso requer dizer, que o ético é aquele homem fundamentado pelas leis que regem uma determinada sociedade. As suas escolhas estão pautadas em uma estrutura organizada pelas leis morais e sociais. Kierkegaard compreende que entre o estágio estético e o ético, existe uma espécie de síntese, onde o indivíduo passa a eliminar tudo “[...] aquilo que na vida estética era diversidade [...], isto é, incompatível com a unidade verdadeiramente coerente de um projeto de vida” (FARAGO, 2011, p. 125). Não obstante, o sedutor melancólico idealizado por Kierkegaard no primeiro estágio é oposto ao referencial de marido perfeitamente correto no segundo estágio.

Na vida ética, o homem se escolhe, escolhe realizar suas possibilidades. O ético é aquele que reconhece o aspecto transitório e evanescente do real.

Como nada sólido pode se erguer sobre ele, refugia-se em sua interioridade, onde reconhece valores morais e eternos sobre os quais é possível construir sua personalidade (LE BLANC, 2003, p. 63)

Nesse estágio o indivíduo escolhe concretizar as suas possibilidades existenciais. Assim sendo, o indivíduo no estágio ético não anula a sua passagem pelo estágio estético, chegando a capacidade de controlar os seus desejos carnis através dos limites de conduta ética. Esse processo constitui ao indivíduo a possibilidade de firmar a sua personalidade. Kierkegaard compreende que o marido é a figura ideal para este estágio. Uma figura distinta que representa um exemplo em sociedade ao realizar as obrigações com equilíbrio e responsabilidade. Porém, a sua conduta sempre estará visando a sua relação com o mundo, isto é, com o geral.

Todo homem que realiza as suas atividades em função do geral, é considerado um indivíduo ético. Diante desse ideal, o seu desejo está sublimado ao puro dever de realizar as coisas com esmero, pois o seu objetivo é corresponder às normas que regem o seu grupo social. Os olhos do ético estão unicamente fixos no geral, pois todas as suas ações estão direcionadas a essa dimensão. Kierkegaard destaca Agamemnon, o herói grego, como um exemplo fidedigno ao geral. De fato, Agamemnon consiste em um herói ético, pois realiza o sacrifício de sua filha em prol de seu povo. Fato totalmente distinto do caso de Abraão.

Agamemnon renuncia a Ifigênia e dessa maneira encontra o repouso no geral; pode, então, sacrificá-la. Se não realiza o movimento, se no momento decisivo a sua alma, em vez de operar a concentração apaixonada, se perde em ninharias gerais, como o pensar por exemplo que tem outras filhas (KIERKEGAARD, 1979, p. 157).

Desse modo, o ético não é um mero indivíduo que faz escolhas inconscientemente, mas é aquele que escolhe conscientemente a existência. Dessa forma, o ético constitui a sua personalidade em sincronia com os valores éticos em sociedade. Uma vez que, o ético é um ser no mundo; sua presença realiza uma constante relação com o geral. Nesse sentido, o ético não pode estar no mesmo patamar que Abraão, pelo fato de que o ético realiza seus compromissos tendo em vista o geral; já no caso do velho patriarca a situação é totalmente diferente, ou seja, Abraão está voltado ao singular e não ao geral. Em *Temor e tremor*, Kierkegaard destaca o contraponto entre o herói trágico e Abraão: “[...] a diferença que separa o

herói trágico de Abraão salta aos olhos. O primeiro continua ainda na esfera moral [...] muito diferente é o caso de Abraão” (KIERKEGAARD, 1979, p. 144).

Nesse sentido, para o homem atingir o geral é preciso primeiro que ele integre as suas moções internas à moralidade social. Essa junção se dá em uma realização, onde as obrigações pessoais estão envoltas em “pesados casacos” de moralidade. A grossa camada de moralidade permite ao homem viver a sua vida social de maneira disciplinada. No entanto, para o filósofo de Copenhague o herói trágico é caracterizado pela sua relação constante e direta com o geral. “No fundo, o homem da ética encarna tipos gerais” (VERGEZ; HUISMAN, 1970, p. 336). A sua expectativa está plenamente situada na finitude humana, compreensível para os homens através das leis.

O verdadeiro herói trágico sacrifica-se ao geral com tudo o que lhe é próprio: os seus atos, todos os seus impulsos pertencem ao geral; está manifesto e nessa manifestação é o filho bem amado da ética. A sua situação não se aplica a Abraão, que nada fez pelo geral e permanece no secreto (KIERKEGAARD, 1979, p. 178).

A figura alegórica do herói trágico encontra no geral o fundamento salutar para a sua realização em sociedade. Desse modo, o herói trágico sempre estará a serviço do geral e não do singular. Entretanto, Abraão é um típico guardião da singularidade humana; as suas ações não são exclusivas às leis morais. Em *Temor e tremor*, o herói trágico assume a atitude do homem ético, ou seja, as suas ações são justificadas pelo justo dever moral. Pois “[...] no estádio ético o fundamental é a obediência ao dever” (PÉREZ, 1988, p. 228). Assim, a pura busca pelo dever poder lançar o indivíduo em um abismo de superficialidade.

A concepção kierkegaardiana compreende o indivíduo ético como um ser livre pela opção de escolha. Assim, a sua existência encontra-se em um estádio facilitador do ajustamento das coisas, isto é, o meio-termo entre os impulsos e as obrigações. No entanto, “[...] o ético não se decide entre diversas possibilidades, não decide cumprir uma série de deveres: essencialmente, opta por *si mesmo*” (LE BLANC, 2003, p. 63-64). Sendo assim, as experiências estéticas não deixam de estar no indivíduo ético, nesse contexto, Kierkegaard ressalta a necessidade de guardar uma autêntica personalidade humana.

O herói trágico rapidamente terminou o combate; realizou o movimento infinito e agora encontra a segurança no geral. Pelo contrário, o cavaleiro da fé sofre uma constante prova, a cada momento tem uma possibilidade de regressar, arrependendo-se, ao seio do geral, e essa possibilidade tanto pode ser crise como verdade (KIERKEGAARD, 1979, p. 156).

O homem no estágio ético acaba se cansando com o comprimento das diversas leis, uma vez que está distante de sua singularidade em vista do geral. Nesse sentido, a vivência ética “[...] comporta igualmente o perigo de fazer o homem esquecer que ele é e deve ser um indivíduo singular” (FARAGO, 2011, p. 125). O afastamento da singularidade levará o indivíduo a uma reflexão de vida. O ético encontra-se diante de um profundo questionamento: o que estou fazendo da minha vida? Esse questionamento, conseqüentemente será o fio condutor para uma interiorização de vida na dinâmica religiosa.

Aos olhos de Kierkegaard, o estágio ético seria uma possibilidade de perfeição, porém a ameaça de fracasso impulsiona o indivíduo a realizar o salto para o estágio religioso. Pois, a vida ética tende a ser algo meramente mecânico, sem gosto pela dimensão espiritual, ou seja, pouco interesse pelo infinito. Assim, o ético busca ser perfeito aos moldes da ética e da moralidade, mas percebe que algo está faltando em sua vida, e este algo é o desejo pelo infinito. Por certo, “o ético não conhece a fundo a experiência do arrependimento, não captou a ideia de pecado” (PÉREZ, 1988, p. 228-229). Assim, o indivíduo ético só poderá compreender o arrependimento estando no estágio religioso.

3.3 O estágio religioso

O estágio religioso é desenvolvido por Kierkegaard em *Temor e tremor* (1843), a partir da passagem bíblica de Abraão, sob a ótica de sua filosofia existencial. O homem ético não permanece de pé ante a sua existência, pois para Kierkegaard a existência está em plena consonância com a relação entre o finito e o infinito. “O homem do estágio religioso não é mais aquele que submete sua vida as regras gerais” (VERGEZ; HUISMAN, 1970, p. 337). Dessa maneira, o religioso encontra-se em comunhão com o Absoluto, ou seja, Deus. No entanto, essa relação na concepção

kierkegaardiana não consiste em um “mar de rosas”, isto é, uma realidade que não tenha sofrimento e angústia.

Essa perspectiva religiosa fora uma realidade inerente a condição humana do filósofo dinamarquês, uma dimensão marcada pelo contraponto da angústia e da fé. Ambas movem o indivíduo a desejar ardentemente o infinito. Assim, a concepção kierkegaardiana compreende que “[...] a fé é paradoxo e angústia diante de Deus como possibilidade infinita” (REALE; ANTISERI, 1991, p. 239). Abraão é esse homem angustiado pelas controvérsias da vida, mas que não vacila em sua fé ante o Absoluto. Ele é o homem religiosa que a partir da fé torna-se superior a todo ideal ético e qualquer conceito estético.

Mas o estágio religioso leva mais longe ainda a apropriação de si mesmo, o vir a ser si mesmo. Enquanto a sorte “feliz” do esteta depende das coisas exteriores - mas como é que um homem que não distingue a interioridade e a exterioridade poderia ser autenticamente feliz? - a felicidade religiosa ou a “beatitude eterna” só pode nascer na relação com o absoluto, o totalmente outro (FARAGO, 2011, p. 133-134).

O homem no estágio religioso reconhece a sua condição de pecado, pois esse reconhecimento o lança para fora do geral, e isso significa que ele está no campo da redenção. Desse modo, “[...] somente o estágio religioso realiza a presença da eternidade no tempo, a plenitude da encarnação” (FARAGO, 2011, p. 126). Compreende-se, que pelo arrependimento o indivíduo aceita plenamente o amor divino, e esse amor será a ligação entre o temporal e o eterno. “O essencial do religioso é a relação absoluta da subjetividade com o Absoluto” (LE BLANC, 2003, p. 70). Segundo Kierkegaard, o homem não está à deriva dos auspícios divinos em sua finitude humana, pois a fé torna-se uma possibilidade valiosa ao indivíduo no mundo.

De acordo com o pensamento kierkegaardiano, o estágio religioso constitui a relação paradoxal entre duas realidades distintas: Deus e o homem. O indivíduo, em sua singularidade desenvolve essa relação com o infinito, através de sua consciência de pecado. É a partir da compreensão de finitude que o indivíduo parte ansioso por uma transcendência que vem de Deus. De certo modo, o pecado na visão kierkegaardiana está vinculado ao conceito de indivíduo, isto é, o pecado também caracteriza a singularidade de cada indivíduo. O homem religioso “[...] é um indivíduo

diante de Deus e a experiência que vive em sua experiência singular que só pode ter sentido para ele” (VERGEZ; HUISMAN, 1970, p. 337).

A fé é justamente aquele paradoxo segundo o qual o Indivíduo se encontra como tal acima do geral, sobre ele debruçado (não em situação inferior, pelo contrário, sendo-lhe superior) e sempre de tal maneira que, note-se, é o Indivíduo quem depois de ter estado como tal subordinado ao geral, o Indivíduo, e como tal superior a este; de maneira que o Indivíduo como tal encontra-se numa relação absoluta com o absoluto (KIERKEGAARD, 1979, p. 142).

O homem de fé é caracterizado por Abraão, o patriarca religioso, pelo filósofo de Copenhague. Destarte, Kierkegaard admirava a figura de Abraão através de sua fé no infinito. Assim, o referido filósofo destaca a importância de Abraão em *Temor e tremor*. “[...] era uma vez um homem que tinha ouvido, na sua infância, a formosa história de Abraão, [...] não era, aliás, um pensador. Não sentia o mínimo desejo de ir além de sua fé” (KIERKEGAARD, 1979, p. 113). Abraão é um ser misterioso, guarda em si o mistério da singularidade. Porém, Abraão não é compreendido pelos outros homens no mundo. O homem religioso está no mundo, mas não pode ser compreendido pela mentalidade mundana. O religioso só pode ser compreendido a partir da ótica da fé.

“O estádio religioso, longe de ser o da paz e felicidade, é o de todos os temores e tremores, o da angústia e do desespero” (PÉREZ, 1988, p. 229). Dessa forma, Abraão é aquele provado em sua fé, e angustiado diante das possibilidades que o cerca. Ele experimenta toda gama da incompreensão humana, pois essa prova divina aos olhos do estético e do ético não passa de loucura ou crime. “Abraão sacrifica a razão à fé” (PÉREZ, 1988, p. 229). Kierkegaard, ao contrário de Hegel, busca em seu pensamento existencial a concretude de sua relação subjetiva perante Deus. “Sua filosofia não é senão uma reflexão sobre sua existência, toda ela é uma busca da singularidade perante Deus” (NOGARE, 1988, p. 128).

A história de Abraão introduz o paradoxo: “Ou o Indivíduo pode, como tal, estar em relação com o Absoluto, e nesse caso a eticidade não é o supremo estádio, ou Abraão está perdido.” E nessa situação Abraão é o pior dos monstros e assassinos, “escória da sociedade! Que demônio te possui e impele a matar teu filho?” O segundo problema na história de Abraão é: há um dever absoluto para com Deus? Abraão é o Pai da fé porque acredita que tudo é possível a Deus e, dessa forma, se o dever é absoluto para com Deus, a ética encontra-

se rebaixada ao relativo, o que está fora de cogitação em Kant e Hegel (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 48).

“E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aquele que amas, Isaac; vai com ele ao país de Morija e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei” (KIERKEGAARD, 1979, p. 119). A prova de Abraão está fundamentada na dimensão religiosa e na dimensão humana, pois o velho patriarca se angustia em sua estrutura existencial. A angústia acompanha o drama existencial de Abraão em todo seu percurso. Consequentemente, a angústia vem acompanhada da fé no caso de Abraão, porque uma não exclui a outra, ambas visam proporcionar possibilidades ao indivíduo.

A fé em Kierkegaard toma um caráter paradoxal, onde o indivíduo se coloca acima do geral. Essa perspectiva permeia a análise kierkegaardiana do percurso angustiante de Abraão. Decerto, o velho patriarca percorre esta dimensão com todos os seus questionamentos e dilemas próprio ao homem, porém não foge dessa realidade. Deus prova um homem religioso, aquele que é capaz de renunciar às coisas finitas pelo infinito. Aqui, percebe-se claramente a distinção que há entre o homem religioso do esteta e do ético, ou seja, o esteta e o ético jamais poderiam realizar tamanho sacrifício, uma vez que ambos não concebem tal compreensão.

É agora meu propósito extrair da sua história, sob forma problemática, a dialética que comporta para ver que inaudito paradoxo é a fé, paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, por que a fé começa precisamente onde acaba a razão (KIERKEGAARD, 1979, p. 140).

A figura marcante de Abraão constitui um exemplo religioso para Kierkegaard no tocante à singularidade humana em sua filosofia. O homem se angustia ante os dramas da vida e Abraão é um deles, mas a fé é um elemento tão caro ao indivíduo, que ela em seu mistério desvela o lado sombrio da angústia. Dessa maneira, a angústia percorre os três estádios da existência, sendo que o indivíduo se relaciona de forma diferente em cada estágio. No entanto, o estágio religioso o homem não caminha solitariamente em rumo ao infinito; a angústia e a fé são companheiras leais pelos ásperos caminhos da vida.

O indivíduo encontra no estágio religioso às possibilidades necessárias para exercitar a sua interioridade, coisa que não conseguiu realizar nos dois primeiros estádios existenciais. Com efeito, Kierkegaard compreende que cada indivíduo traz em si mesmo um mistério semelhante ao de Abraão. Esse mistério realiza-se a partir da singularidade humana. “Com Abraão estamos face a face com a apreensão, pela primeira vez, no nível do sujeito” (FARAGO, 2011, p. 134). Nesse percurso existencial, a angústia humana juntamente com a fé no absoluto possibilita o homem a viver de maneira autêntica e exercer a sua singularidade perante o geral.

4. RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA E FÉ

Soren Kierkegaard se denomina um escritor religioso, que de maneira equidistante desempenha a missão de salvaguardar a singularidade humana. Assim, ao inovar a história da filosofia com temáticas de cunho religioso no apogeu do seu pensamento existencial, Kierkegaard, instaura uma ponte sólida entre filosofia e teologia. Desse modo, o filósofo dinamarquês desenvolve em sua célebre obra *Temor e tremor* a análise filosófica da passagem bíblica sobre Abraão no tocante a dimensão humana pela angústia, e a dimensão religiosa pela fé no infinito. Nesse sentido, Abraão corresponde ao exemplo máximo de autêntica singularidade em contraponto a sua convicção religiosa que é simplesmente paradoxal.

Em *Temor e tremor*, a figura de Abraão encontra-se em destaque pela relevância de sua autenticidade humana e religiosa. Ora, o velho patriarca era um homem completamente apaixonado pelo infinito. Isso implica ressaltar que a paixão de Abraão consiste em uma renúncia paradoxal do finito para com o infinito. Paixão esta, que o impele a querer sacrificar o seu filho por amor ao infinito. À vista disso, o patriarca “[...] exprime a unidade de uma conduta em que se age por amor de Deus” (KIERKEGAARD, 1979, p. 152). Dessa maneira, Abraão em sua singularidade escolhe obedecer a Deus por um amor infinito.

Mas quando me ponho a refletir sobre Abraão, sinto-me como que aniquilado. Caio a cada instante no paradoxo inaudito que é a sua substância de sua vida. A cada momento me sinto rechaçado, e, apesar do seu apaixonado furor, o pensamento não consegue penetrar esse paradoxo nem pela espessura de um cabelo. Para obter uma saída reteso todos os músculos: instantaneamente sinto-me paralisado [...] o amor de Deus é, para mim, a um tempo na razão direta e na inversa, incomensurável com toda a realidade. (KIERKEGAARD, 1979, p. 127).

O indivíduo é um ser dotado de inteligência e razão, isso o faz singular ante os demais indivíduos em sociedade. “O Indivíduo: eis a categoria pela qual devem passar, sob o ponto de vista religioso, a época, a história, a humanidade” (KIERKEGAARD, 1986, p. 109). Nisso, o contraponto da angústia e da fé perpassam essa realidade com maestria, pois tanto a angústia quanto a fé caracterizam a singularidade de cada indivíduo no cumprimento da sua liberdade. Kierkegaard visa esse contraponto como duas possibilidades ao homem, ou seja, ambas podem favorecer dois caminhos importantes para a existência, a saber: autenticidade de vida e transcendência ante o infinito.

A figura de Abraão permeia tanto a dimensão humana pelo sentimento de angústia quanto a dimensão religiosa em uma relação paradoxal com Deus. No entanto, ambas caracterizam a singularidade própria ao indivíduo. Nesse sentido, a “[...] fé sem dimensão de angústia não é verdadeira fé. A angústia, sua irmã gêmea, é desejo e saudade de Deus” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 47). Em *Temor e tremor* essas duas dimensões são representadas pela figura singular de Abraão. Desse modo, Kierkegaard compreende que o indivíduo constitui relação com o Absoluto a partir do ato de existir. Daí surge a necessidade de uma autenticidade de vida mediante a singularidade humana.

4.1 A angústia existencial de Abraão

O velho patriarca Abraão em sua dramática prova, torna-se a pura demonstração de um homem angustiado pelas adversidades da vida, contudo Abraão soube resignar tais adversidades em uma constante relação espiritual. À vista disso, Abraão se angustia diante da possibilidade de sacrificar o seu filho Isaac na montanha de Moriija. Destarte, a compreensão de angústia na perspectiva kierkegaardiana encontra-se inerente ao conceito de escolha. Pois o homem se angustia ante os efeitos e consequências que derivam dessa escolha. Assim, Abraão aos olhos de Kierkegaard consiste em um exemplo colossal de fé mediante uma autenticidade de vida.

Dessa forma, Kierkegaard compreende ao analisar a queda (pecado) de Adão e Eva no jardim celestial, que ambos passaram a existir após perderem a pureza da inocência. De igual forma, o homem se angustia pelo simples fato de existir. “A angústia é uma antipatia simpática e uma simpatia antipática” (KIERKEGAARD, 2013, p. 46). Essa compreensão se dá a partir da atração e repulsão que há no indivíduo ao optar por algo. Isso se dá claramente no caso de Adão e Eva, pois ambos se sentem privados e ao mesmo tempo atraídos em comer o tal fruto proibido. Em contrapartida existe um ponto significativo entre os primeiros pais e Abraão no tocante a dimensão religiosa a partir da relação com o Absoluto; Adão e Eva pecaram por desobediência a Deus, no entanto, Abraão no auge de sua angústia vai até às últimas consequências para obedecer a Deus.

A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as ilusões [...] aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com a sua infinitude (KIERKEGAARD, 2013, p. 161-162).

A ótica da filosofia kierkegaardiana visa a angústia como algo positivo, que pode favorecer o indivíduo em seu percurso existencial. Abraão é a figura perfeita para demonstrar o indivíduo que compreende a necessidade de vivenciar a angústia como parte de sua existência. O velho patriarca bebeu até a borda do vinho mais amargo de sua vida; mas soube ressignificar o amargo em doçura, graças a sua fé no infinito.

“Com efeito, o movimento da fé deve constantemente efetuar-se em virtude do absurdo” (KIERKEGAARD, 1979, p. 130).

Segundo o relato bíblico, Abraão fora agraciado por Deus em sua velhice ao receber a novidade do nascimento de um filho em idade avançada. Essa realidade lança-o ao campo paradoxal da fé, pois aos olhos humanos um casal de anciãos conceber uma criança, torna-se algo impossível diante das limitações próprias da estrutura humana. Desse modo, “Abraão transcende a unidade de sua vida em uma resignação infinita” (FARAGO, 2011, p. 135). Essa transcendência humana se dá a partir da relação entre o finito e o infinito. Sendo isto, então é que a resignação visa a renúncia do finito para com o infinito.

Converte em resignação infinita a profunda melancolia da vida; conhece a felicidade do infinito; experimentou a dor da total renúncia àquilo que mais ama no mundo – e, no entanto, saboreia o finito com tão pleno prazer como se nada tivesse conhecido de melhor, não mostra indício de sofrer inquietação ou temor, diverte-se com uma tal tranquilidade, que, parece, nada há de mais certo do que esse mundo finito. E, no entanto, toda essa representação do mundo que ele figura é a nova criação do absurdo. Resignou-se infinitamente a tudo para tudo recuperar pelo absurdo (KIERKEGAARD, 1979, p. 132).

Em Abraão a fé e a angústia andam juntas, pois o patriarca mesmo angustiado, encontra por meio da fé a possibilidade de constituir uma relação autêntica com o Absoluto. Abraão diante da possibilidade de sacrificar seu filho, encontra-se crente no possível, que é a salvação de Isaac de tal sacrifício. Essa possibilidade irá constituir a condição do cavaleiro da fé. Diante da possibilidade, o patriarca em seu estágio angustiante encontra-se vinculado a angústia no sentido positivo. Pois, ele não foge de tal sentimento, mas o assume como algo constituinte a sua existência. Abraão “[...] posto à prova por Deus, vencida a tentação sem perder a fé, recebia, contra toda a expectativa, o seu filho pela segunda vez” (KIERKEGAARD, 1979, p. 113).

Kierkegaard, em *Temor e tremor*, ressalta o drama angustiante de Abraão perante o infinito, desenvolvendo quatro hipóteses da realização do sacrifício de Isaac. Nesse sentido, o pensador de Copenhague desenvolve uma análise crítica acerca da temática religiosa de Abraão. Entretanto, essa análise encontra-se em uma constante ligação entre filosofia e teologia. Uma vez que o pensamento filosófico de Soren Kierkegaard abrange a dimensão filosófica no âmbito existencial e a dimensão

teológica por meio de figuras como Deus, Abraão, Adão, entre outras. Dessa maneira, a figura de Abraão para Kierkegaard consiste na máxima representação de um homem religioso que vivencia a autenticidade de sua singularidade humana.

Mas Abraão acreditou sem jamais duvidar. Acreditou no absurdo. Se tivesse duvidado, agiria de outro modo, teria mesmo realizado um ato magnífico. Acaso poderia ter feito outra coisa? Dirigir-se-ia à montanha de Morija; partida a lenha, teria acendido a pira, puxado da faca e gritado assim a Deus: *Não menosprezes este meu sacrifício de fato a vida de um velho em comparação com a do filho da promessa? Mas é o melhor que posso oferecer-te. Faze com que Isaac nunca de tal se aperceba para que a juventude o conforte [...]* O mundo tê-lo-ia admirado e nunca o seu nome seria esquecido; mas uma coisa é suscitar justa admiração e outra ser a estrela que guia e salva o angustiado (KIERKEGAARD, 1979, p. 120).

A angústia de Abraão torna-se mais acentuada por estar acompanhada pelo silêncio que envolve tal situação. Entretanto, a vida de Abraão está envolvida em um constante paradoxo religioso, pois além de conceber Isaac na velhice tendo-o como o filho da promessa, agora esse filho abençoado deverá ser sacrificado. “Deus constatara que seu servidor tinha fé e que, para obedecer-Lhe, Abraão não hesitara em sacrificar seu filho único” (LE BLANC, 2003, p. 72). Nessa condição angustiante, Abraão não pode pedir a Sara que rogasse aos céus ou que lhe desse algum consolo. Ele não pode falar com ninguém a respeito da sua provação, uma vez que nenhum mortal poderia ajudá-lo.

A atitude de Abraão para o geral consiste em uma loucura sem igual ou crime segundo as normas sociais. Mas aquilo que é estupidez ou loucura para o geral, em Abraão torna-se o mais profundo desejo pelo infinito. Kierkegaard entende que Abraão escolhe sacrificar o seu filho, porque teme desobedecer a Deus. Nesse caso, o velho patriarca encontra-se em um verdadeiro paradoxo, pois ele deve obedecer a Deus e sacrificar o seu filho que é carne de sua carne e ossos dos seus ossos. Eis aqui um ponto fundamental para compreensão da passagem de Abraão sob a análise de Soren Kierkegaard. Assim, Abraão é o indivíduo movido pela fé na realização máxima de sua liberdade pela opção de escolha.

Mas aquele que ama Deus não tem necessidade de lágrimas nem admiração; esquece o sofrimento no amor, e tão completamente que não deixará atrás de si o mínimo traço de dor, se não fosse o próprio Deus a recordar-lhe; porque vive no secreto, conhece a angústia, conta as lágrimas e nada esquece. Portanto, ou se verifica o paradoxo de forma que o indivíduo se encontra como

tal em relação com o absoluto, ou então Abraão está perdido (KIERKEGAARD, 1979, p. 183).

Abraão é o homem do absurdo, porque é aquele que possui uma fé autêntica perante as adversidades da vida. A sua condição humana está imersa em um “mar” de angústias. Assim “[...] a desgraça ameaça virtualmente todo homem, e a angústia dessa possibilidade faz parte da vida como tal” (FARAGO, 2011, p. 137). A angústia kierkegaardiana é uma realidade existencial. À vista disso, Abraão se angustia pelo fato de existir, e essa realidade o leva ao campo das possibilidades em constante sintonia com o absurdo da fé em Deus. Entretanto, a angústia de Abraão está unida a fé, e segundo Kierkegaard, a angústia perde todo aspecto medonho diante da fé.

Kierkegaard concebe a fé como algo paradoxal onde os seus mistérios estão acima da lógica da razão. Desse modo, a razão não consegue desvendar às questões que são matéria de fé, porque a fé só pode ser compreendida a partir dela mesma. Segundo o filósofo de Copenhague, o conhecimento está vinculado a relação entre homem e Deus; relação esta que também é mistério. Nesse sentido, o pensamento kierkegaardiano encontra-se em oposição ao pensamento hegeliano. A acusação de Kierkegaard “[...] é dirigida sobretudo a Hegel, cujo sistema é a encarnação da pretensão de “explicar tudo” e demonstrar a “[...] necessidade de todo acontecimento” (REALE; ANTISERI, 1991, p. 241). Compreende-se que Abraão é um indivíduo singular que não pode estar de acordo com os moldes do sistema hegeliano em prol do geral.

4.2A angústia como vertigem de liberdade

Todo indivíduo começa a angustiar-se pelo simples fato de existir. Nesse sentido Kierkegaard entende que Adão e Eva se angustiam diante do nada, após o rompimento com Deus. “O pecado surgiu na angústia, mas o pecado trouxe consigo, por sua vez, a angústia” (KIERKEGAARD, 2013, p. 58). Desse modo, o nada constitui possibilidade de poder, ou seja, existência atrelada a liberdade. Dessa maneira, a angústia de Adão está submetida ao conceito de pecado original. “Para Kierkegaard, a angústia é um estado que manifesta a relação do indivíduo com o mundo, relação determinada pela liberdade” (LE BLANC, 2003, p. 81). A liberdade de Adão está

concomitante ao desejo de existir, pois é a partir da queda que tanto ele quanto Eva passam a ter consciência para perceber as implicações e consequências da escolha realizada no Jardim do Éden.

O nada é o simples fato de angustiar-se por estar lançado no mundo. Porém, a angústia kierkegaardiana eleva o homem às possíveis possibilidades. No caso de Abraão, a angústia o orienta ao encontro máximo consigo mesmo (finito) e com Deus (infinito). Portanto, “[...] o homem que se angustia não é mais uma coisa entre as coisas, mas algo completamente diferente” (REGINA, 2017, p. 81). A angústia como esse nada kierkegaardiano encaminha o indivíduo ao confronto consigo mesmo diante das escolhas da vida. O homem necessariamente precisa escolher algo em seu percurso existencial, nenhum indivíduo pode estar no mundo e não realizar a sua opção de escolha.

Neste estado há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz a nascer a angústia (KIERKEGAARD, 2013, p. 45).

Essa compreensão de nada ligado a angústia na dinâmica kierkegaardiana é a responsável por assegurar que o homem tome consciência de si mesmo como homem livre. Em *O Conceito de Angústia*, a angústia do indivíduo em estado de inocência está direcionada a vontade de poder. Por este ângulo, “[...] ela coloca Adão subitamente diante de sua liberdade, que é precisamente vontade de poder” (LE BLANC, 2003, p. 81). Neste ponto de vista, Kierkegaard entende que o nada ligado a angústia antes do salto está vinculado a ignorância da inocência; todavia após o salto o nada ligado a angústia torna-se meio necessário para o indivíduo realizar uma profunda reflexão de vida.

De acordo com o pensamento kierkegaardiano, a angústia consiste em uma possibilidade de liberdade. Contudo, a liberdade kierkegaardiana não é uma mera liberdade abstrata, mas sim uma liberdade concreta em todo existir humano. “Não tem nenhuma ideia da grandeza deste pensamento: que é muito mais difícil receber que dar, quando, bem entendido, se teve a coragem de aceitar a privação sem chegar a perder a coragem no instante de angústia” (KIERKEGAARD, 1979, p. 173). A angústia

é essa relação existencial que favorece a finitude humana adentrar às potencialidades de uma vida autêntica.

O indivíduo posterior tem um mais em relação a outros indivíduos, mas não obstante vale o essencial, que o objetivo da angústia é um nada. Se o seu objeto é um algo tal que, visto essencialmente, i. é visto no sentido de liberdade (KIERKEGAARD, 2013, p. 83).

No alto cume da existência, a angústia faz morada, e morada definitiva porque o indivíduo não pode se esconder e nem fugir dela. Eis que ela está ladeando o indivíduo em toda sua trajetória terrena. “A angústia significa, pois, duas coisas. A angústia na qual o indivíduo põe o pecado, [...] e a angústia que sobreveio e sobrevém com o pecado” (KIERKEGAARD, 2013, p. 59). À vista disso, Kierkegaard concebe dois tipos de angústia: a angústia objetiva e a angústia subjetiva. Assim, a angústia objetiva é aquela relacionada ao conceito de pecado. Nisso Adão e Eva correspondem a figura representativa desse tipo de angústia. Já a angústia subjetiva é aquela onde o homem é fruto do pecado. Nesse sentido, a angústia subjetiva encontra-se ligeiramente equidistante a figura do patriarca Abraão.

“Na angústia subjetiva o Indivíduo coloca a hipótese de sua salvação” (LE BLANC, 2003, p. 82). Essa dimensão é alcançada pelo homem religioso que por meio da fé realiza o movimento do possível. É crível para o religioso pelo fato de que ele possui fé no possível que torna tudo possível. Abraão representa o indivíduo angustiado de maneira subjetiva através de sua fé sem igual no Absoluto que torna o impossível em possível. “A cada instante, depois de ter realizado esse movimento, efetuou esse movimento, efetuou, portanto, o seguinte, o movimento da fé, em virtude do absurdo” (KIERKEGAARD, 1979, p. 182). Dessa forma, Kierkegaard visa que o homem estando diante do possível, também já está diante de sua liberdade.

Tal era a situação do ancião diante da sua única esperança! Mas ele jamais duvidou, não relanceou o olhar angustiado à direita e à esquerda, não importunou o céu com súplicas. Sabia que o Todo-poderoso o punha à prova, sabia que este era o sacrifício mais duro que se lhe podia exigir, mas sabia também que nenhum sacrifício é demasiadamente pesado quando Deus o pede (KIERKEGAARD, 1979, p. 121).

Liberdade e angústia encontram-se em perfeita harmonia por estarem em consonância com a existência humana. Portanto, a angústia torna-se um suporte

precioso ao indivíduo por ser essa condutora de liberdade. No entanto, essa liberdade kierkegaardiana não é vista fora do campo da responsabilidade para com as suas escolhas. Assim, exercer essa liberdade em sociedade é assumir os compromissos que compete ao indivíduo como um ser social. A consciência de si mesmo mediante as escolhas, possibilita ao indivíduo estar diante da possibilidade de uma existência autêntica.

A culminância de uma vida autêntica a partir da tomada de consciência humana encontra-se intrínseca ao conceito kierkegaardiano de liberdade. Nota-se que o filósofo dinamarquês une a questão da angústia que se desvela em possibilidades juntamente com a liberdade no âmago da existência humana. Liberdade está relacionada a capacidade de escolha realizada pelo homem. Assim, “[...] para a liberdade, o possível é o porvir; para o tempo, o porvir é o possível. Na vida individual, a angústia corresponde a ambos. Um exato e correto uso linguístico vincula, portanto, ambos: a angústia é porvir” (KIERKEGAARD, 2013, p.97). Desse modo, angústia consiste em possibilidade de liberdade pela realização da singularidade humano em seu agir existencial no mundo.

4.3O paradoxo kierkegaardiano

A dimensão paradoxal está completamente arraigada a toda produção filosófica de Soren Kierkegaard, uma vez que o paradoxo se encontra no limiar da existência humana. Essa dimensão é compreendida em *Temor e tremor* como algo inerente a fé, pois para Kierkegaard a fé é um paradoxo de vida que se torna mistério diante da lógica racional. “Então por que é que o fez Abraão? Por amor de Deus, como, de maneira absolutamente idêntica, por amor de si mesmo” (KIERKEGAARD, 1979, p. 144). Abraão se faz paradoxo através do intermédio da fé e da angústia que são paradoxais. Eis que o paradoxo de Abraão se torna insensatez para os homens e transcendência para Deus.

O episódio do velho patriarca torna-se mistério de uma revelação absurda ao entendimento humano. Ora, Abraão é um religioso que busca seguir fielmente os ensinamentos sagrados, no entanto, “[...] deve escolher entre realizar o dever da moral

que ordena o amor para com o filho, ou o dever como expressão da vontade de Deus” (ALMEIDA; VALLS, 2007, p. 49). Diante dessa possibilidade se faz necessário a interioridade diante de si mesmo e diante de Deus. Porém, a interioridade de Abraão vem acompanhada pela decisão que é algo singular. Esse mistério intrigante do pai de Isaac, está atrelado ao conceito de liberdade, pois Abraão é livre para realizar suas escolhas.

Este deve amar o filho com toda a sua alma; quando Deus lho pede, deve amá-lo se possível, ainda mais e é então somente que pode *sacrificá-lo*; porque este amor que dedica a Isaac é o que, pela sua posição paradoxal ao amor que tem por Deus, faz do seu ato um sacrifício. Mas a tribulação e a angústia do paradoxo fazem que Abraão não possa ser compreendido, de nenhuma forma, pelos homens (KIERKEGAARD, 1979, p. 154).

Abraão é reconhecido por Kierkegaard como o indivíduo que está acima do geral. A sua maneira de agir não corresponde ao geral pelo fato de estar voltado a Deus e a si mesmo na realização do sacrifício de Isaac, o filho da promessa. “Abraão transpõe, pelo seu ato totalmente singular, o estágio ético, que é da ordem do geral, realizando aquilo que Kierkegaard denomina a suspensão teleológica da ética” (FARAGO, 2011, p. 138-139). Essa superação está no paradigma silencioso do velho patriarca, que mesmo angustiado não recorre sequer a sua esposa Sara. Desse modo, Abraão não realiza nenhum movimento para aproximar-se do geral, pois todos os seus passos estão reservados a Deus.

Segundo Le Blanc (2013), a moral não se sobrepõe ao cavaleiro da fé, pelo dever absoluto para com o Absoluto. Assim, a diferença entre moralidade e religiosidade no caso de Abraão está na compreensão do que seria o ato. De acordo com a moral, Abraão deseja matar Isaac, contudo, para a ótica religiosa o patriarca realizaria o sacrifício como oferecimento sagrado. Desse modo, a moral não compreende a fé paradoxal de Abraão, porque ela é a pura paixão pelo infinito. “Sabe Abraão que do encontro com Deus nasce a vida. Ele o crê” (FARAGO, 2011, p. 137). Decerto, o silêncio ensurdecido do velho patriarca está ligeiramente atrelado a interioridade do seu dever individual para com Deus.

O seu silêncio não teria, como motivo, a vontade de entrar como Indivíduo em uma relação absoluta com o *geral*, mas no fato de ter entrado como Indivíduo numa relação absoluta com o *absoluto*. Deste modo poderia, suponho, achar ali o repouso, enquanto seu magnânimo silêncio seria constantemente perturbado pelas exigências da ética (KIERKEGAARD, 1979, p. 166).

A suspensão teleológica da ética encontra-se equidistante ao paradoxo da fé pela oposição que há entre ambas. O patriarca Abraão realiza a suspensão porque está completamente comprometido com o seu dever absoluto para com o Absoluto. Esse dever conduz o homem religioso a realizar coisas que são inconcebíveis para a moral, como é o caso de Abraão. “O dever absoluto pode, então, levar à realização do que a moral proibiria, mas de forma alguma pode incitar o cavaleiro da fé a deixar de amar” (KIERKEGAARD, 1979, p. 154). Segundo a ética, Abraão tem o dever moral em garantir a segurança de Isaac. À vista disso, o amor do velho pai torna-se transbordante ao ver o crescimento de Isaac diante de Deus e dos homens. Porém, o júbilo de Abraão torna-se angústia existencial diante do mandato divino que consiste em colocar seu amado filho em perigo de morte.

O indivíduo ao ser provado por Deus em seu percurso existencial, já concretiza a sua interioridade em sua condição humana. Assim, o homem que é provado pela fé está submetido a uma autenticidade de vida. Entretanto, toda prova visa alguma renúncia individual, e no caso dramático de Abraão a prova vem acompanhada pela angústia em meio aos sofrimentos humanos e a providência advinda da relação com Absoluto. Nesse sentido, angústia e fé encontram-se na mesma dinâmica que envolve Abraão, ou seja, saudade de Deus mediante um abandono confiante na providência divina em sua dramática realidade.

Mas Abraão acreditou sem jamais duvidar. Acreditou no absurdo. Se tivesse duvidado, agiria de outro modo, teria mesmo realizado um ato magnífico. Acaso poderia ter feito outra coisa? Dirigir-se-ia à montanha de Morija; partida a lenha, teria acendido a pira, puxado da faca e gritado assim a Deus: *Não menosprezes este meu sacrifício de fato a vida de um velho em comparação com a do filho da promessa? Mas é o melhor que posso oferecer-te. Faze com que Isaac nunca de tal se aperceba para que a juventude o conforte [...] O mundo tê-lo-ia admirado e nunca o seu nome seria esquecido; mas uma coisa é suscitar justa admiração e outra ser a estrela que guia e salva o angustiado* (KIERKEGAARD, 1979, p. 120).

O homem religioso encontra consolação a partir da fé, mas isso não quer dizer que não há dor e sofrimento diante da fé. O absurdo religioso é o que move o velho patriarca a conduzir o seu filho para o sacrifício, porém esse percurso de Abraão encontra-se repleto de dor e amor. O coração paterno encontra-se dilacerado diante de tal possibilidade, toda a sua estrutura humana é envolvida em uma total angústia,

no entanto, o coração do velho pai mesmo amargurado vela ardentemente pelo Absoluto. Pois, Abraão como homem religioso, sabe plenamente que se abandonou sem reservas em um mistério infinito. Abraão sofre por ser provado duramente por Deus, mas sente-se consolado em acreditar na possibilidade de redenção a partir da fé.

Desse modo, Abraão é o cavaleiro da fé, aquele que tem um dever para com Deus, e este será fiel até as consequências mais dolorosas para executá-lo. Não obstante, nem Sara, nem Eliezer e nem Isaac podem compreender a realidade angustiante de Abraão, pelo simples fato de que ele guardou silêncio absoluto em obediência divina. “Abraão cala-se ... porque não *pode* falar; nesta impossibilidade residem a tribulação e a angústia. Porque, se não me posso fazer compreender, não falo, mesmo se discurso noite e dia sem interrupção” (KIERKEGAARD, 1979, p. 179). Calado, ele não ousa pronunciar uma palavra sequer a respeito do mandato divino, porque se ele recorrer ao geral, conseqüentemente estará fora do paradoxo religioso.

Isaac não o compreendia. Foi então que, tendo-se afastado um pouco do filho, Isaac lhe tornou a ver o rosto, desta vez alterado, o olhar feroz, as afeições aterradoras. Agarrou Isaac pelo peito deitou-o por terra e disse-lhe: estúpido! Supões que sou teu pai faço o que me apetece! Então Isaac, fremente e com grande angústia, gritou: Deus do Céu Tende Piedade de mim! Deus de Abraão, tende piedade de mim, sê meu pai, por que já não tenho outro na Terra! Mas Abraão ciciava: Deus do Céu, dou-te graças. Vale mais que me julgue um monstro do que perca a fé em ti (KIERKEGAARD, 1979, p. 114).

Nessa perspectiva, Abraão em sua singularidade realiza através da mediação da fé o salto de toda estrutura ética para o campo paradoxal do absoluto. Graças a fé que é paradoxo de vida, o indivíduo compreende que a relação absoluta com o Absoluto não está submetida ao mero pensamento racional. A fé introduz o indivíduo em um mistério sem limites. “Pela fé Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi estrangeiro na terra prometida. Abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé” (KIERKEGAARD, 1979, p. 118). Assim sendo, Abraão é o pai da fé, aquele que fora capaz de renunciar a si mesmo e o amor de seu filho ao amor infinito.

Ao entardecer dos dias, o homem religioso sente-se realizado por ter combatido o combate angustiante em sua existência, e não ter perdido aquilo que é mais precioso em sua vida: a fé ante o infinito. Assim, Abraão é considerado o exemplo de indivíduo

autêntico em sua condição humana e religiosa; porque “[...] aquele que luta contra Deus é o maior de todos” (KIERKEGAARD, 1979, p. 118). Ele é o cavaleiro da fé, aquele que guardou a fé; vivenciou a angústia profundamente em seu ser, mas “[...] acreditou sem jamais duvidar” (KIERKEGAARD, 1979, p. 120). Essa atitude de Abraão torna-se um referencial de indivíduo, que Kierkegaard compreende como aquele que está acima do geral na concretude da liberdade humana. Dessa maneira, Abraão é o indivíduo que opta por deixar-se conduzir por Deus em um caminho existencial de possibilidades que se chama: angústia.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho, através de uma análise kierkegaardiana acerca da angústia de Abraão em *Temor e tremor*, proporcionou uma significativa compreensão da relação entre o humano e o sobrenatural. Pois, essa relação se dá a partir da existência de cada indivíduo em sociedade. Dessa maneira, cada indivíduo é dotado pela subjetividade que o torna único e autêntico mediante as suas opções de escolha. A angústia é um sentimento intrínseco a existência humana, por isso é necessário compreender a sua importância sob o auxílio da filosofia kierkegaardiana. Nesse sentido, a angústia torna-se uma possibilidade relevante ao indivíduo, por possibilitar uma tomada de consciência mediante o comprometimento inerente à realidade.

Em *Temor e tremor*, angústia e fé encontram-se unidas em único propósito: conduzir o indivíduo a percorrer um caminho de possibilidades. Ambas estão envolvidas em uma profunda união a partir da existência humana. Nessa perspectiva, Abraão consiste na figura ideal para demonstrar que a angústia vivida se torna uma

possibilidade de autenticidade. Uma vez, que Kierkegaard ressalta a importância da angústia nos estádios da existência em concomitância a singularidade própria a cada indivíduo. Porém, Abraão é um homem religioso que se angustia ante os dramas da vida, mas que assume completamente a angústia e a fé em sua condição humana.

Portanto, em concomitância com o que fora apresentado, este trabalho buscou analisar a angústia de Abraão como um homem religioso em *Temor e tremor*. Partindo da filosofia kierkegaardiana que visa a angústia como uma possibilidade, e essa angústia atrelada ao paradoxo da fé torna-se uma possibilidade de transcendência humana. Entretanto, este trabalho tem por relevância a sua aplicação social, uma vez que a temática da angústia se encontra totalmente presente em nossa era contemporânea. Sendo ao mesmo tempo um trabalho fecundo para análises ou pesquisas futuras como para estudos de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jorge de Miranda; VALLS, Álvaro. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2007.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Português. 4. Imp. São Paulo:Paulus, 2006.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Trad. Ephraim F. Alves, 3. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GARDINER, Patrick. **Kierkegaard**. Trad. Antonio Carlos Vilela. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

KIERKEGAARD, Soren. **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. IN: Coleção os Pensadores. Trad. Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro, São Paulo: Abril Cultural, 1979.

KIERKEGAARD, Soren. **O Conceito de Angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado**

hereditário. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls, 3. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KIERKEGAARD, Soren. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. Trad. Marina Appenzeller. - São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e anti-humanismos: introdução à antropologia filosófica**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. .

PÉREZ, Gómez Rafael. **História básica da filosofia**. Trad. Peter Pelbart. São Paulo: Nerman, 1988.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: do romantismo até nossos dias**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

REGINA, Umberto. **Kierkegaard**. Trad. Alessandra Siedschlag. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo, Atlas, 1985.

VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. **História dos filósofos**. Trad. Lélia de Almeida Gonzalez. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S. A, 1970